



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

FELIPE QUINTÃO DE ALMEIDA

(depoimento)

2012

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-279

Entrevistado: Felipe Quintão de Almeida

Nascimento: 22/11/1979

Local da entrevista: Hotel Abbeville, São Luís - MA

Entrevistador/a: Christiane Macedo

Data da entrevista: 23/07/2012

Transcrição: Natália Bender

Copidesque: Ivone Job

Pesquisa: Christiane Macedo

Total de gravação: 1 hora 14 minutos e 27 segundos

Páginas Digitadas: 27

Observações:

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da tese de Ivone Job intitulada *Gestão das revistas brasileiras da área da Educação Física e Ciências do Esporte*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em setembro de 2013.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Envolvimento do entrevistado como editor da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE); Sua trajetória na revista; Procedimentos para o desenvolvimento das tarefas da equipe editorial; Opiniões e críticas sobre o sistema de avaliação das revistas; Planejamento e políticas da revista.

Porto Alegre, 23 de julho de 2012. Entrevista com Felipe Quintão de Almeida a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Como você chegou a função de editor de revista? E como é escolhido normalmente o editor da RBCE¹?

F.A. – Vou começar pela segunda que é mais fácil. Normalmente quem escolhe o editor é a Direção Nacional (DN)², por meio de indicações, conversas, enfim você conhece bem essa dinâmica. Então quem está na direção nacional costura para ver quem tem disponibilidade de assumir as revistas. Tradicionalmente tem sido assim, não vou dizer desde a formação do CBCE³, mas pelo menos desde os anos 90 com certeza é assim. E no caso da atual equipe editorial não foi diferente, o Alexandre⁴ foi convidado em 2007, finalzinho de 2007 que era ainda a gestão do Fernando Mascarenhas, o Alexandre recebeu o convite e depois de aceitar ele convidou a mim, ao Jaison Bassani⁵, a Ana Cristina Richter e também a Michelle Carreirão Gonçalves pra compor a equipe editorial da RBCE, inicialmente não na função de editor, mas na função de equipe para fazer o trabalho sujo que o processo de editoração necessita. Então foi dessa maneira. Um duplo convite, um convite da direção para o Alexandre e do Alexandre para nós. Eu era orientando do Alexandre no mestrado e no doutorado, o Jaison também era orientando dele no mestrado e doutorado, a Ana também e a Michelle também. Então foi por essa via que a gente entrou.

C.M. – Quanto tempo geralmente um editor fica a frente da revista?

F.A. – Nós estamos há cinco anos. No caso da RBCE isso também depende mais uma vez da direção nacional, dos acertos. Na verdade depende um pouco do projeto da DN, que a DN tem relação a revista e também da disponibilidade daqueles que estão disponível, que estão envolvidos com o processo de editoração. Então, no caso da RBCE nos anos de 2000

¹ Revista Brasileira de Ciências do Esporte.

² Diretoria Nacional do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

³ Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

⁴ Alexandre Fernandez Vaz.

⁵ Jaison José Bassani, professor da Universidade Federal de Santa Catarina.

que nós tivemos o professor Amarílio Ferreira Neto⁶ que ficou duas gestões na DN. Depois dele Carmen Soares⁷ e Jocimar Daolio⁸ e depois os dois Silvana⁹ e Alex¹⁰ em uma gestão e a gente¹² que está fazendo agora, estamos entrando na terceira gestão. Eu acho que a nossa equipe é a equipe que está há mais tempo a frente da RBCE. Na minha opinião, isso é um fator que ajuda a explicar quando a gente olha em retrospectiva, a melhoria da revista nesses últimos 10 anos. Mal comparando é como um time de futebol, com quanto mais tempo de trabalho, mas você vai pegando, você vai aprendendo a editar uma revista e a possibilidade de você fazer um serviço de uma forma mais profissional, ela é maior na medida em que você fica mais tempo na revista. Eu avalio que para a RBCE alcançar patamares mais elevados, se qualificar ainda mais, eu diria que a manutenção de uma equipe é fundamental. Essa troca de editores ela pode, como a troca de que nos passamos recentemente de editora de publicação da revista. Isso causa um problema, na minha opinião.

C.M. – Quantas horas, mais ou menos, por semana você se dedica ao trabalho de editor?

F.A. – Depende, todos os dias temos trabalho. Fundamentalmente são dois e-mails institucionais da revista, mais as coisas que chegam no e-mail pessoal. Então de hora em hora tem mensagem chegando. Então, sei lá, se eu pudesse quantificar eu diria que, por dia no mínimo três horas. À noite você vai senta e trabalha na revista agora. Mas é o dia inteiro, às vezes você trabalha dez horas em um dia, no outro dia duas horas, às vezes vinte horas na semana. Às vezes vai um pouco mais, depende um pouco do momento também da editoração, dos objetivos de curto prazo que estão colocados, se tem processo de indexação depende, depende do momento.

C.M. – É remunerado?

⁶ Ficou na editoria de 1999 a 2003

⁷ Carmen Lúcia Soares.

⁸ Carmen e Jocimar ficaram na editoria de 2003 a 2005.

⁹ Silvana Vilodre Goellner.

¹⁰ Alex Branco Fraga.

¹¹ Silvana e Alex ficaram na editoria entre 2005 a 2007.

¹² Alexandre Vaz entrou como editor desde 2007, juntamente com Marcus Aurélio Taborda, Felipe, Jaison Bassani, Ana Richter, Michele Carreirão

F.A. – Não. E essa é uma questão que precisa ser enfrentada, pelo campo em algum momento, se o objetivo é caminhar rumo à profissionalização. Ou profissionaliza ou as revistas vão perecer. E colocar isso em discussão, em algum momento isso vai ter que aparecer.

C.M. – Quais os motivos das escolhas do objetivo da revista, do escopo se foram alterados em algum momento que você está como editor?

F.A. – Eu diria que em linhas gerais não há grandes mudanças. No escopo da revista e no objetivo da revista. Eu acho que esse objetivo, esse escopo, ele se mantém na nossa gestão nesses cinco anos e eu acho que segue uma tradição. Pode ser que o Jaison diga outra coisa, mas das editorias anteriores. A RBCE já tem mais ou menos uma linha definida. O que a gente tem feito em termos de identidade epistemológica da revista, a principal alteração que a nossa equipe fez nesse sentido, em termo de identidade epistemológica foi tentar fomentar um certo equilíbrio entre as temáticas, que a gente chama internamente de tentar dedicar 50% de publicações, 50% da revista para publicação de ciências da saúde e 50% para humanidades. A atual direção não tomou uma posição no sentido de definir claramente qual é a identidade epistemológica da RBCE. Porque isso necessitaria de uma série de discussões que não dependem só da editoria, passam também pela relação com a DN. Então uma forma que nós encontramos para lidar com essa questão foi tentar fazer meio a meio, favorecer a pluralidade do campo. A revista é uma revista do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte que publica da biomecânica a história da educação física. Então nós apostamos. Em termos de escopo e foco a gente não fez grandes mudanças. Diferente, por exemplo, da Movimento¹³, que a Ivone conhece bem, a gente fez uma opção muito definida pelas humanidades em educação física. Nossa opção é valorizar a pluralidade.

C.M. – E como é a divisão de tarefas na produção da revista? Qual o caminho que o manuscrito passa até chegar a ser publicado?

F.A. – A divisão de tarefa entre os membros ou o processo de chegada de um artigo?

C.M. – É, primeiro esse processo de chegada do manuscrito até ele ser aprovado.

F.A. – O processo de submissão a partir de 2008, se a minha memória não falha, deixou de ser via Correio como era antes e passou a ser, inicialmente, via Correio Eletrônico. A partir de setembro de 2008 foi implantando a plataforma SEER¹⁴. Desde então toda a submissão da revista é feita via essa plataforma. Então o interessado em publicar na revista se cadastra e faz a submissão do artigo conforme as regrinhas, os passos que lá estão disponíveis. Quando o cara faz a submissão o que acontece... A gente inicia um trabalho de triagem, então hoje, por exemplo, hoje nós temos doze pessoas trabalhando na revista. Diferente de quando a gente começou, no início a gente participava, fazia quase tudo. Hoje, na medida em que a gente foi se profissionalizando um pouco mais, foi aprendendo a fazer, a gente meio que segmentou as tarefas. Cada um na equipe tem uma função, então a gente tem um grupo de quatro alunos cuja tarefa é, na medida em que o autor submete o artigo na plataforma ele vai fazer uma primeira triagem, observando o escopo, o foco, o objetivo, enfim, esses elementos que a gente anuncia lá para a comunidade, que está anunciado na página. A análise de forma para ver se está dentro das normas, e o que a gente faz, o bolsista faz essa primeira varredura identificando o problema e imediatamente ele devolve para o autor, para o autor fazer as adequações. A gente entrega um *check list* para o autor com todas as alterações que ele precisa fazer e o autor tem que fazer se ele quiser que o processo continue. O tempo de retorno pode variar. Tem autor que faz em um, dois dias, tem autor que demora, tem autor pretendendo publicar que demora um mês. A gente até estipula uma data de devolução, mas não tem muito controle.

C.M. – O tempo de quando o artigo é submetido pra resposta dessa triagem é de quanto tempo mais ou menos?

F.A. – Depende... A gente sempre trabalha, se a minha memória não falha, posso até verificar isso depois. A gente solicita duas semanas eu acho, normalmente... Mas teria que recuperar o e-mail. Tem um e-mail padrão pra isso.

¹³ Revista Movimento.

¹⁴ Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas.

C.M. – Não eu digo assim, para o bolsista fazer a triagem ele demora quanto tempo mais ou menos? Depois que o artigo já está no sistema?

F.A. – É rápido, só é demorado no início. Bateu no sistema, o bolsista já tem a função de entrar e fazer essa primeira limpeza... Essa limpeza não, essa primeira triagem. Uma vez feita essa primeira triagem, se ele identificou problema o que ele faz, devolve para o autor... Ai a gente espera o artigo ser devolvido, uma vez devolvido o que é feito. ... O bolsista envia para um editor... Na verdade, outra pessoa pega o artigo e encaminha, designa um editor: Jaison Bassani, Felipe Quintão de Almeida. E daí os artigos vão para os pareceristas. Hoje essa função não é do Jaison e o Felipe que fazem também, tem mais duas pessoas que fazem esse trabalho, de pegar, depois dessa primeira triagem, e enviar para os avaliadores. No início nós fazíamos tudo. Hoje a gente foi organizando o trabalho de tal modo que cada um tem uma função. Eu tenho uma função específica, o Jaison tem a dele que envolve uma questão de pensar politicamente a revista também, mas também a gente ainda continua metendo a mão na massa... Então aí, indo para os avaliadores, os avaliadores tem até... agora não vou me lembrar. Acho que a gente solicita duas semanas, normalmente a gente pede um tempo pro cara responder o e-mail, se ele está a fim de avaliar ou não... Quando esse tempo extrapola a gente manda um aviso dizendo que extrapolou e que está esperando uma resposta e uma vez aceito, a gente dá, não vou lembrar de cabeça... São duas ou três semanas... Eu não me lembro agora... Para o cara devolver o parecer. Ai continua o processo. O parecer chega, enfim, a revista trabalha no sistema, precisa de duas aprovações pelo menos, enfim às vezes a gente tem que mandar para inúmeros pareceristas, porque os pareceristas são ruins e essa é uma função que tanto eu quanto o Jaison fazemos. A gente lê todos os pareceres para evitar grosserias, para evitar problemas, equívocos teóricos, para evitar preconceito teórico, então a gente lê tudo, compõem os pareceres e faz a devolução. Esse é um trabalho que tanto eu como o Jaison fazemos. A Ana também ajuda nesse caso. E devolve os pareceres para os autores, dá mais um tempo no caso de um artigo que normalmente é o que acontece, aprovado com reformulação, a pessoa tem mais um tempo para fazer as alterações, devolver para a gente reavaliar se está tudo ok, manda para os pareceristas para ver se tá tudo ok e só depois desse processo que a gente anuncia que o artigo está realmente aprovado para a publicação. Então é um processo que demora e demora mesmo muito em função do atraso dos pareceristas em devolver os artigos. Eles demoram na resposta se vão emitir o parecer ou

não, uma vez aceitando demoram a devolver o parecer. E muitas vezes o que acontece, se devolve o parecer e o parecer não se sustenta, não tem condição de ser devolvido para o autor. Daí você tem que designar uma outra pessoa, então o processo vai atrasando. Uma opção seria devolver o parecer como ele veio, mas isso tem um custo e custo este que vai desembocar nos editores. Então a gente tem essa preocupação, a gente lê todos os pareceres, tira erros de português antes de devolver para os autores, principalmente os artigos que reprovam, que tem que ser parecer consistente para reprovar um artigo. Se não a gente vai testando, vamos pra outro, manda pra outro...

C.M. – Aí o artigo é publicado. Como é decidido em qual número ele vai entrar, ele vai pra outra revisão?

F.A. – Então é... uma vez aceito depois de todo esse processo, vai ao parecerista, volta, vai para o autor, devolve para o parecerista para ver se está ok, daí o artigo vai para a editora. Na editora o material vai passar por todo o processo de adequação as normas da revista. Quer dizer, o artigo já está nas normas, o que a pessoa responsável na editora faz é verificar se está tudo ok. Na verdade tem uma corretora de português e de normas de ABNT e de normas da revista que vai conferindo se está tudo ok. Então eventualmente algo que passa lá do trabalho dos bolsistas é função dessa pessoa identificar esse problema. Porque, o problema uma vez identificado, devolve para os autores para eles fazerem as adequações. Às vezes dúvidas, ou alguma coisa que está faltando, enfim, ainda tem esse momento de devolução. Depois disso vai para o trabalho de gráfica... Impressão, coisas desse tipo. Então é um processo relativamente lento. Depois tem escolha de capa, enfim...

C.M. – E como é dividido o trabalho entre vocês? Você disse que são doze pessoas.

F.A. – Doze pessoas. Tem o Alexandre que é o editor, eu e Jaison editores adjuntos. Ana Cristina responde mais diretamente pela secretaria da revista. Ana Cristina Richter e Lisandra Invernizzi também são uma espécie de secretárias da revista. A Michelle Carreirão Gonçalves que cuida especificamente do Caderno de Formação da RBCE. Tem o Ivan Gomes lá da UFES¹⁵ que é uma outra função, é alguém que está responsável agora pela seção de resenhas e também a gente está querendo implantar a ideia de dossiês, então

ele seria o editor responsável pelas resenhas e dossiês. O Eduardo Galak que é da Argentina, faz contatos para a gente no mundo..., fala espanhol, é uma pessoa muito bem articulada, então ele consegue pareceristas, artigos, solicita que as pessoas enviem trabalhos. Ivan, Galak e tem quatro bolsistas. Quatro ou três agora, um estava para sair e a gente não estava muito satisfeito com o trabalho. Dois em Vitória que fazem mestrado lá comigo, a Cecília e o Marcelo e dois alunos da pedagogia que são bolsistas do Jaison, ele tem um projeto de extensão e conseguiu duas bolsas lá da RBCE, é o Ismael e outro menino eu esqueci porque ele não trabalha diretamente comigo. Então essa é a equipe, como eu te disse, cada um desempenha uma função específica. Que vai do menino que pega o artigo e faz a primeira avaliação e chega até o Felipe e o Jaison que normalmente fazem a comunicação com os autores. Se a Lisandra e a Ana estão mais diretamente responsáveis pela distribuição dos artigos entre os pareceristas, Jaison e Felipe fundamentalmente são responsáveis pelo diálogo com os autores, e a gente entende que esse diálogo tem que ser, ele tem que acontecer de uma maneira... a mais qualificada possível. Sobretudo nos casos das reprovações. E também nesse processo o Alexandre está envolvido. Além é claro daqueles casos em que há decisões de difícil resolução em que acontece, enfim, que você tem que deliberar coletivamente o que vai fazer, pareceres problemáticos, sempre os editores estão conversando e claro, essa é uma das funções principais do editor que é pensar politicamente o periódico, para onde ele vai, quais são as metas, a curto e médio prazo, onde vai ser indexado, financiamento, qualificação das pessoas que trabalham, profissionalização, a internacionalização que é uma meta fundamental... Intercâmbio com pessoas de fora enfim, isso ai os editores, além de estar envolvidos com a coisa mais braçal, mas também estão diretamente preocupados com isso. Eu não sei qual era mesmo a pergunta...

C.M. – É, a divisão de tarefas...

F.A. – Então assim, hoje a gente não faz tudo, a gente já fez e até o Alexandre aqui fala com a gente: vocês estão trabalhando demais ainda, é preciso profissionalizar mais para vocês pensarem a revista, politicamente, academicamente a revista. Por isso que é preciso ter gente muito competente para fazer essas tarefas que são mais burocráticas, mais técnicas.

¹⁵ Universidade Federal do Espírito Santo.

C.M. – E a revista recebe mais artigos do que ela pode publicar ou às vezes precisa de artigos convidados?

F.A. – Não, tem que analisar, são cinco anos, hoje a situação está bastante diferente de quando nós começamos. No início nós tínhamos dificuldade de fechar números, hoje nós temos dificuldade de encaixar os autores. Porque a demanda, o fluxo está muito grande, tem autor que tem três artigos aprovados. Você perguntou de como que faz para publicar o artigo, vou responder. Então assim, hoje nós temos, por exemplo, as edições desse ano fechadas, não entra mais. Se o cara tiver um artigo aprovado hoje, é para o ano que vem. E como resolver essa situação, tem que aumentar o número de publicações por ano. Então quatro edições por ano não dá conta de manter um fluxo mais veloz, o que acontece, o cara aprova o artigo e precisa ficar esperando. Porque precisa ficar esperando? Porque na hora de montar um sumário de uma edição tem uma série de elementos que precisam ser observados. Desde regionalismo, elementos que os indexadores observam na hora de avaliar uma revista. Então eu não posso publicar em uma mesma edição cinco artigos, não é que não possa, é prudente, lá de Porto Alegre, eu tenho que distribuir os trabalhos, levar em consideração os Estados, a endogenia, tem muita gente que é vinculada a revista ou esse cara publica, todo número em artigo dele. Não dá para ser assim, tem que ter artigos, a gente tem essa preocupação agora, sempre procura colocar um ou dois artigos do exterior, pensando na internacionalização da revista. Publicar sempre alguma coisa em língua estrangeira, então precisa levar todos esses elementos em conta na hora de montar o sumário. E nesse processo, muitas vezes o cara que já tem um artigo aprovado ele precisa ficar esperando. Então qual é a solução, na nossa visão, aumentar e essa é a proposta que a gente vai fazer amanhã na conversa que a gente vai ter. Precisa aumentar a periodicidade da revista. Passar de quatro para seis anuais. Então de dois em dois meses tem demanda, tem artigo aprovado, se diminui a periodicidade, cria, força a demanda, as pessoas começam a mandar mais, os indexadores querem isso, então esse é o caminho. Montar um sumário para ver o sumário prontinho, parece que é fácil, mas tem uma série de elementos que precisam ser observados, se não os indexadores vêm e “creu”.

C.M. – E como é que vocês têm lidado com isso, principalmente com os autores? Como é que vocês respondem? Vocês tem dado uma resposta sobre a demora?

F.A. – Sim... Na maioria das vezes os autores entendem, porque a demora não é um problema só da RBCE, é um problema do campo também, do campo da educação física. Na verdade não é só da educação física, acomete os periódicos de uma maneira geral hoje, a demora na publicação. O Jaison tem uma frase que gosta muito de usar e diz o seguinte: No atletismo acadêmico, parecer é atividade de pouco prestígio. Então é uma atividade que os pareceristas deixam por último, eles vão deixando e normalmente vão se lembrar que tem que dar um parecer já no final do prazo. Então quando o autor escreve às vezes bravo, e xingando a revista, o que a gente normalmente faz é, responder nessa direção tentando explicar para ele que o problema não é do editor, não há soluções biográficas para contradições sistêmicas. O problema é do campo que precisa, de vários, em dois ou três editoriais nós chamamos a atenção para isso. Para necessidade de os pareceristas serem também mais velozes nesse trabalho que emperra todo o processo, você ao dar um parecer, mas você se esquece que você também submete para outras revistas. Se o outro cara se comporta também dessa maneira, atrasa é uma cadeia e uma coisa vai levando a outra. Eu tenho artigo que está quase dois anos em periódico. Em função do fato de trabalhar com isso eu não, às vezes você escreve perguntando, você pergunta de bom tom, você sabe que às vezes demora demais mesmo.

C.M. – E quem decide em que número que entra? Esse quebra-cabeça todo, quem decide sobre isso, quais artigos vão entrar e quais não?

F.A. – Normalmente essa é uma tarefa do Felipe ou do Jaison, às vezes em função da demanda pode ser que a Ana monte, o sumário, a Ana Cristina que é a secretária da revista. Independente de quem monta, a gente tem critérios a serem observados. Então eu acho que esse é o mais importante. Pode ser eu, pode ser o Jaison, mas é preciso observar esses critérios, precisa observar também uma certa ordem de chegada também. Se o artigo está há muito tempo esperando para ser publicado ele tem uma certa preferência, desde que essa preferência não prejudique, desde que não, mas você pensa também entendeu. Se ele está há dois anos, esperando para ser publicado há um ano, está na hora de soltar, e isso tem alguma implicação, será que esse autor já não publicou no mês passado, enfim, há uma série de elementos. Os últimos sumários desse ano, eu acho que eu montei dois, o Jaison, eu e Lisandra, essa é uma outra coisa que eu não mencionei antes. A revista, a plataforma

SEER trabalha por meio dos números, dos ID's¹⁶. E tem ID's ímpares e pares. Outra divisão que a gente fez no trabalho taylorista lá da revista, é que, por exemplo, eu só lido com os ID's ímpares, eu e Lisandra que é minha parceira. Jaison e Ana Cristina Richter trabalham com os ID's pares. Essa é uma forma também de dividir o trabalho, facilitar nossa organização interna. Então ela distribui os artigos. A mesma coisa com os bolsistas. Eles avaliam, eu tenho o meu bolsista que avalia a primeira triagem lá dos ID's ímpares, os outros dois fazem dos ID's pares. É taylorismo mesmo, na perspectiva de profissionalizar, sem perder de vista a dimensão da globalidade. Essa é um pouco a função do Alexandre, a minha função e a do Jaison, é acompanhar a coisa olhando mais assim na totalidade. Porque se não também aí cada um começa... Não dá pra trabalhar... Se não tiver um trabalho coletivo vai ferrar, entendeu. Se não estiver muito afinadinho no sentido, do que o outro vai fazer, do que pode fazer, do que não pode fazer, de como deve responder o e-mail, ferrou.

C.M. – E qual o motivo da opção pelo formato eletrônico e que mudanças isso trouxe para a revista, tanto no processo de submissão quanto na divulgação da revista?

F.A. – Então espera aí, vamos por partes.

C.M. – Porque o formato eletrônico?

F.A. – Bom, há várias razões. Eu poderia listar aqui. Se a gente pega o uso da plataforma SEER, tem uma série de razões do porque de implantar esse tipo de tecnologia. A primeira delas é o acesso. Uma revista disponível na internet, muito mais gente pode ter acesso, inclusive no exterior. Então isso é um aspecto fundamental, o acesso que as pessoas têm. Facilita a submissão, qualquer um pode submeter, não tem que ir ao Correio mais, mandar o artigo para a RBCE. O cara da sua casa, ele manda o resultado da sua pesquisa. A facilidade então também aumentou bastante... Facilitou também para quem trabalha na editoração, porque a plataforma registra absolutamente tudo, tem um histórico ali. Então o e-mail que eu troquei há um ano está registrado ali, se ele me cobrar uma coisa eu vou procurar na minha caixa pessoal, está tudo ali. Esse é um dos argumentos principais, eu diria, tem outros argumentos. Aumento do fluxo, como fica mais fácil, está disponível para

¹⁶ Código que identifica os trabalhos submetidos.

todo mundo, as pessoas começam a mandar mais artigos também. Isso é bom e é ruim, que também começa a chegar muita porcaria, e por isso é importante o trabalho da primeira triagem. Isso eu esqueci de falar. Nesse primeiro momento também a gente avalia, os editores avaliam o escopo do artigo. Muitas vezes a gente não inicia o processo de avaliação, a gente olha o artigo e fala: está fora do escopo da revista, tem que mandar para outra revista. Ou, esse artigo tem mais a cara do caderno de formação, manda para lá. Ou infelizmente, não se adequa ao escopo. Isso o editor faz, antes ou ao mesmo tempo em que os meninos começam a análise formal. São várias coisinhas assim, daí eu vou e volto. Então eu diria que a plataforma é isso, facilita a vida de todo mundo. Está disponível online, é mais democrática, etc. O papel tem suas limitações, nem todo mundo tem acesso. Uma outra coisa importante da plataforma online é mais barato. Hoje eu não sei em termos percentuais, mas o maior gasto da revista hoje é com a impressão em papel. Por isso, a despeito do papel, do número impresso ser algo importante para a DN por conta das associações as pessoas esperam receber a revista, enfim. Mas pensando em termos de um trabalho mais eficiente, em termos financeiros, a saída mais adequada é encerrar com o papel. E não na perspectiva de evitar ou gastar dinheiro, mas pegar esse dinheiro que é economizado na impressão e aplicar, investir na formação das pessoas que trabalham na editoração das revistas, investir na própria revista. Por exemplo, passar de quatro para seis números... Em vez de quatro, seis anuais. Daria para pagar mais duas revistas, sem a impressa. Mas essa é uma questão que não depende somente da editoria da RBCE. Essa é uma questão que passa também pela direção nacional.

C.M. – E as mudanças que teve ao entrar online? As mudanças que a revista teve. Teve o acesso?

F.A. – Mudou... Deixa eu tentar entender melhor.

C.M. – Não, eu acho que tu já falou também, o processo de submissão ficou mais acessível, a divulgação também foi maior.

F.A. – Sim, tem mais coisas. Disponibilizar a revista online foi algo assim, inflexor, super importante. Possibilitou ao leitor ter acesso também aos números mais antigos da RBCE, democratiza mais o conhecimento. Tem uma revista de 1989 que quase ninguém tem, ou

só o Professor Amarílio que coleciona revista tem essa revista. Tem a plataforma que é isso que a gente está fazendo agora, coloca lá disponível para o cara ter acesso. Os ganhos são incontáveis, tanto do ponto de vista daquele que acessa, quanto daquele que está trabalhando na revista. Olha, tem uns probleminhas técnicos da plataforma, por isso que é fundamental o Renato Mendes¹⁷, fundamental. Sem o Renato a gente estava perdido, porque precisa do cara que domina a linguagem técnica. O editor não conhece a linguagem HTML lá de computador. Então deu um problema, precisa ter um cara que recebe uma bolsa para resolver o problema que os editores não vão resolver, assim como tem que ter uma secretária, preferencialmente bem remunerada e com dedicação para fazer aquilo. Por isso que é a Movimento é um luxo, porque tem uma pessoa que é formada nisso, fez mestrado, está fazendo doutorado, que conhece a coisa. Isso faz diferença. Nós na RBCE não temos a formação em ciência da informação, nós não somos bibliotecários. O que a gente faz na medida do possível é tentar se aperfeiçoar, ler, enfim, para deixar cada vez mais um amadorismo para trás e avançar numa profissionalização. Prova disso é que esse último editorial¹⁸ tem exatamente esse título: Profissionalização em discussão, em tela, alguma coisa assim. E esse é o caminho.

C.M. – A revista tem DOI?

F.A. – Não, infelizmente não.

C.M. – Por quê?

F.A. – Pois é, por que... Difícil responder por quê... Talvez os editores ainda não tenham se mobilizado para isso, talvez a gente ainda não esteja nos indexadores que possibilitem o DOI. Hoje nós precisamos entrar em dois (indexadores) que são fundamentais para o nosso avanço, que é o *ISI* e *Scopus*. A gente fez solicitações já, estamos esperando respostas. Na verdade pediu na Scopus, no *ISI* ainda não porque a gente teve um problema com a Tribo da Ilha¹⁹, que atrasou e a gente resolveu esperar para não queimar um cartucho. A gente precisa disso para poder ter fator de impacto, DOI e coisas do tipo.

¹⁷ Renato Mendes Rocha.

¹⁸ Editorial da RBCE, Vol. 34 n. 2 (2012).

C.M. – E como é escolhido o comitê editorial, e o corpo de pareceristas?

F.A. – Então, tradicionalmente quem escolhe... Essa é uma decisão que passa pela cabeça do editor, e também pela interlocução com a DM. Nós fizemos agora a inserção de três nomes no conselho editorial. Foi o Marcus Aurélio Taborda de Oliveira que era editor do camarada Ricardo Crisório²⁰ da Argentina. Um movimento de se aproximar dos países, se aproximar do pessoal da América do Sul, enfim. Fizemos a inserção, o convite ao Paulo Farinatti e tem mais um... que eu não me recordo agora. E o critério é o seguinte: excelência na área de atuação. Porque desses nomes? Por exemplo, no caso do Ricardo está muito claro. Ricardo é um pesquisador importante na Argentina que pode capitalizar coisas muito interessantes para a revista. Então além de ser uma pessoa de grande renome naquilo que ele faz, tem uma certa entrada em determinada área do conhecimento, que é o caso dessas figuras e esses caras ajudam os editores a pensar o caminho da revista, a política da revista.

C.M. – O conselho ele tem sido efetivo, ele tem ajudado nas discussões, tem trabalhado?

F.A. – Alguns mais do que outros, mas em geral pouco eu diria... deveria ajudar mais e a responsabilidade eu atribuo não só a eles, talvez também seja uma falha dos próprios editores... Fomentar uma maior participação. Mas sempre que possível, por exemplo, quando há decisões importantes a serem tomadas, é de bom tom consultar o conselho. Às vezes um artigo problemático, com pareceres que você tem dúvida de que decisão tomar, você chama alguém do conselho para ele te ajudar a resolver uma situação. Mas em linhas gerais, eu não sei como é o caso das outras revistas, mas, essa participação poderia ser maior. Essa renovação que a gente está fazendo agora visa um pouco isso. Tentar dar uma certa renovada para ver se há uma articulação maior no trabalho.

C.M. – E há algum momento de avaliação dos editores, alguma dinâmica de autoavaliação?

¹⁹ Editora Tribo da Ilha, situada em Florianópolis – SC, atualmente é a responsável pela revista.

²⁰ Ricardo Luis Crisório, Universidad Nacional de La Plata, Argentina.

F.A. – Olha, é quase clichê dizer que isso é diário, mas a gente está trocando e-mail todos os dias sobre o assunto da revista. Discutindo sobre as coisas que acontecem. Às vezes decisões são tomadas, comunicações que são dadas, passos que precisam ser dados, a gente procura também participar de cursos. No ano passado eu fui para São Paulo fazer o curso com o pessoal da FAPESP²¹ pela Scielo²², enfim, e isso nos possibilita de alguma maneira, pensar sobre aquilo que a gente está fazendo, então quando você vai para uma reunião como a que eu fui lá em São Paulo, com os editores das revistas do Brasil que são vinculadas ao Scielo e vê os caras defendendo, por exemplo, uma maior internacionalização das revistas, uma maior profissionalização das revistas é claro que você traz isso para o seu grupo. E você procura aplicar essas coisas que aprende... Que você faz nesses cursos para aperfeiçoamento da plataforma SEER, enfim, você quer aplicar isso. Com esse objetivo Chris, para deixar de ser amador. Isso não é só para a RBCE, é para todas as revistas do campo de uma maneira geral. Então é preciso deixar de ser amador, é preciso ser profissional no tratamento das revistas. Nesse sentido é preciso discutir, por exemplo, renumeração para editores, um tema que pega as grandes revistas. Nessas reuniões você vê o grau de preocupação que os editores têm. Tem revista na área da medicina, por exemplo, claro que uma proposta como essa na educação física seria polêmica, modificou seu nome, o nome em português mudou para inglês como uma estratégia de obter uma maior internacionalização, maior reconhecimento, enfim. Os caras estão preocupados com isso. Muitas vezes nós na educação física estamos preocupados, ou discutindo se nós devemos nos adaptar a determinados critérios ou não. E muitas vezes a preocupação é outra, “Ah isso é coisa da Capes²³, isso é coisa... não vou me render”. Não posso falar pelos meus dois outros colegas... Muitas vezes isso impede a profissionalização. É claro que não se trata de seguir as regras seriamente, de não ter uma política editorial que tenha uma posição em relação a isso, mas também tem coisas que vão melhorar a revista, entendeu? Então não vejo motivo porque não fazer essas coisas.

C.M. – E da opinião de autores ou e-mails com críticas ou sugestões para a revista isso também passa, entra na avaliação?

²¹ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

²² Scientific Electronic Library Online

²³ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior.

F.A. – Claro, vou te dar o exemplo que aconteceu a duas semanas. Eu fui a uma banca de monografia de uma pessoa, Andréia, orientanda uma colega de trabalho chamada Ana Cláudia Nascimento que é orientanda do professor Amarílio Ferreira Neto, o editor da revista e eles trabalham com a avaliação de periódicos, tem textos publicados, enfim. O objetivo da monografia era fazer uma análise formal das revistas mais bem ranqueadas na área: Movimento, Motriz, Educação física, Cineantropometria, tem mais uma, Atividade Física e saúde, não me recordo agora. As revistas A2, B1 e B2. E aí a RBCE era foco, foi feito uma avaliação da RBCE e ela apontou dois problemas, imediatamente eu levei isso para o grupo. “Olha pessoal, segundo a análise que foi feita e acho que está correta, então a partir de agora vamos acertar isso.” A revista aceita artigo em três línguas: inglês, espanhol e português e ela identificou que nos sumários a gente disponibilizava o título em inglês e português e não em espanhol. Então isso é um problema. Imediatamente a gente acatou a ideia, acho que é isso mesmo, faz parte do processo e o mesmo pode acontecer com os autores que escrevem, seja para reclamar. Se o comentário melhorar a revista vai ser acatado. Se for aquele “chororô” sem fundamento, enfim, a gente responde educadamente colocando a posição dos editores.

C.M. – E como é financiada a revista?

F.A. – O tema do financiamento é um tema super, hiper, mega importante. A revista sobrevive fundamentalmente em função dos esforços da direção nacional do CBCE que consegue o financiamento via Ministério do Esporte, fundamentalmente... Você sabe melhor do que eu isso... Acho que essa é a principal fonte, claro, vez por outra a direção nacional deve, em caso de necessidade, injetar grana que não do Ministério para isso e recentemente depois de três tentativas a gente conseguiu um financiamento no CNPq²⁴ de R\$ 30.000,00 esse ano... Saiu agora o dinheiro, e esses trinta mil reais estão bancando as quatro edições desse ano. Então vem daí o dinheiro. Um ponto, a gente até vai discutir isso amanhã²⁵, que precisa ser levado em consideração é esse do financiamento. As revistas precisam... Não dá para ficar dependendo da boa vontade das forças políticas lá no Ministério. A revista não pode... Ela tem que ser autônoma financeiramente. Como fazer

²⁴ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

²⁵ A entrevista foi realizada durante um evento do CBCE, dentro da Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. No dia seguinte à entrevista, Felipe e Jaison fizeram uma reunião com a DN sobre a RBCE.

isso? Uma estratégia é recorrer aos editais... do CNPq, e outras agências de fomento regionais, enfim, em outras instâncias, para se auto-sustentar. Porque é dinheiro, então por isso que a estratégia do impresso, é de estar discutindo isso, colocar em discussão. Talvez possa ser uma saída.

C.M. – Vocês já pensaram em colocar publicidade na revista ou de cobrar para os autores?

F.A. – Pensar sim, vamos discutir isso a partir de amanhã. Mas por exemplo, a discussão sobre cobrar ou não é um tema que a gente conversa. O problema é como encaminhar essa discussão junto a Direção Nacional... que impactos teria na área... Se nossa área tem condição hoje de, adotar essa medida, como a revista seria vista pela área, tem uma série de elementos, mas a gente conversa sobre isso. As grandes revistas bem ranqueadas, quase todas cobram para você publicar, uma vez aprovado o artigo obviamente. Essa é uma outra discussão que precisa ser feita, cobrar ou não cobrar?

C.M. – Vocês chegaram a fazer algum anúncio durante esse tempo de fechar a submissão, não aceitar artigos durante algum período?

F.A. – Fizemos, inclusive está fechado agora para artigos de revisão. Por quê? Porque a prioridade é artigo original e porque nós já tínhamos uma reserva de artigos de revisão aprovados à espera de publicação, então a gente resolveu segurar e priorizar aquilo que os indexadores solicitam.

C.M. – Algum procedimento padrão para atender autores, e-mails...

F.A. – Sim, temos vários e-mails padrões para várias situações, acumulados nesses últimos cinco anos, tem e-mail padrão para tudo, além dos da própria plataforma SEER, em função de determinadas situações. Claro que você vai adaptando a cada caso, mas já tem para uniformizar. O Jaison não pode dar uma resposta para alguém numa situação idêntica diferente do que eu for dar.

C.M. – E há diferença, assim, quando o e-mail chega vai direto para vocês ou os e-mails mais simples passam pela secretaria?

F.A. – Secretária. O que ela pode resolver ela resolve. As questões polêmicas despacha para o meu e-mail, ou do Jaison, ou do Alexandre. Questões técnicas ela vai resolvendo, probleminhas, financiamentos, indexação, aí a gente entra na jogada.

C.M. – Há revisor de textos e de referências e normas da ABNT?

F.A. – Sim há.

C.M. – Na gráfica ou é da equipe?

F.A. – Da gente... Quando nós trabalhávamos com a Autores Associados²⁶ era da Autores Associados. Quando mudamos de editora a gente começou a trabalhar com a da própria editora, mas não estávamos gostando muito do serviço, acho que foi essa a razão, e agora temos uma pessoa que faz por fora. Ela observa não só a questão do português, mas também as normas.

C.M. – É exigido algum grau mínimo de formação para publicar na revista?

F.A. – Não, não está nas normas que tem que ser doutor, posso estar enganado, mas acho que não há essa restrição, embora a gente saiba que isso pode ser visto com maus olhos pelos indexadores, mas a gente não colocou isso como uma regra, um impeditivo, até onde eu sei, pode ser que o Jaison me desminta.

C.M. – Há bibliotecário na equipe?

F.A. – Bibliotecário de formação não. Nós temos, como eu te disse, são pessoas ou que já são doutoras, ou que já estão fazendo doutorado, ou que já tem mestrado e estão iniciando o doutorado agora, mas de formação específica nisso não. São todos da Educação física com exceção dos dois meninos da pedagogia.

²⁶ Editora Autores Associados, situada em Campinas – SP. Antes da Tribo da Ilha foi a editora da RBCE, entre 2000 e 2010.

C.M. – Os autores eles costumam obedecer às instruções que são dadas ou muitos retornam por problemas de não seguir as normas?

F.A. – Retornava muito mais, hoje menos. Porque, em função dos problemas, criamos um *check list* que disponibilizamos na plataforma. Pede-se para o autor, quando da submissão, observar esse *check list*. Quando a gente comunica que o artigo foi aprovado ou aceito com reformulação a gente envia também, além dos pareceres o *check list*, e pede para ele observar atentamente. Se não observar, a gente retorna, e é esse tipo de serviço que a gente não vai fazer mais. O autor precisa ser educado e enviar o artigo corretamente, senão não se inicia o processo.

C.M. – E como vocês fazem a divulgação da revista?

F.A. – A principal forma de divulgação da revista é a própria Plataforma SEER... e por meio da Direção Nacional do CBCE, conseqüentemente das Secretarias Estaduais do CBCE. Essa revista tem essa especificidade, por ser uma revista vinculada ao Colégio Brasileiro. Outras revistas talvez tenham outras, tenham criado outras estratégias, mas a nossa fundamentalmente é essa. É um pouco a função dos editores, por exemplo, dessas pessoas na Argentina que tem contato com a gente, que é fazer a revista chegar para essa galera, na Colômbia, na Argentina, na Espanha, que são os lugares onde a gente tem mais entrada, temos muitos conhecidos, principalmente por conta das relações institucionais de trabalho do Alexandre, que conhece muitas pessoas nesses lugares. Expressão disso é que o número de artigos de colegas argentinos tem crescido assustadoramente, de colaborações... Principalmente da Argentina onde ele tem muita entrada.

C.M. – E como é o processo de ingresso e catálogos e bases de dados? Alguém sugere?

F.A. – Alguém da equipe sugere. Normalmente eu fico com essa função. Tanto é que eu já conversei com a Ivone²⁷, já troquei vários e-mails com ela, tirando dúvidas a esse respeito. Então eu vou mexendo, vou consultando as outras revistas, vendo onde elas estão indexadas. Eu sei quais são os indexadores mais importantes e o que a gente faz é preencher os formulários e vamos tentando adequar a revista a essas normas. Edição após

edição. Hoje quando a gente olha há cinco anos vê que houve muita mudança em função dessas adequações, dessas norminhas. São normas formais, não é nada... São normas... Como a menina chamou a nossa atenção: “Ó precisa publicar na terceira língua”... Ok, vamos fazer.

C.M. – Já foi negada alguma solicitação de indexação?

F.A. – Já, foi agora recentemente. Não é nem um indexador tão importante chamado *Physical Education Index*. Fizemos a submissão e a resposta chegou há dois meses mais ou menos. Acho que a única revista de educação física no Brasil que tem esse indexador é a de Cineantropometria, lá da Universidade Federal de Santa Catarina. E porque que ela tem? Porque ela publica em inglês. Qual foi a resposta que nós tivemos? Vocês cumprem todos os critérios, mas não publicam em inglês, então a gente não indexa. O que isso mostra para a gente? Aquilo que a gente estava conversando antes. Se a revista quer atingir patamares mais elevados, essa questão precisa ser colocada. É preciso então, disponibilizar o artigo pelo menos numa outra língua, preferencialmente o inglês que é a língua da ciência, enfim.

C.M. – Vocês tentaram algum recurso?

F.A. – Não. Ele falou “Olha, infelizmente os critérios estão corretos, mas vocês não publicam os textos em outra língua”. Então a gente não entrou com recurso... , fui conferir lá a revista de Cineantropometria e eles fazem isso.

C.M. – E a revista tem alguma forma de aumentar o índice de citação dos seus autores e artigos?

F.A. – Deixa eu pensar o que eu vou responder. Eu acho que a gente nunca tratou uma estratégia para isso. Nós vamos fazer. Tomar essa medida para que isso aconteça. Eu vou ser sincero com você. A gente sabe que esse é um elemento super importante. O que há é o seguinte, mas eu não sei se isso é uma medida. Você solicita lá nas normas de publicação que a pessoa dialogue com os autores da revista, cite trabalhos da revista, essa é uma

²⁷ Ivone Job.

maneira. Mas nem sempre isso acontece. Vários são os pareceres que retornam com os autores... Esse inclusive é um item da avaliação. O autor dialoga com trabalhos publicados na RBCE. Muitos pareceristas falam “Olha, não cita.” E tem texto publicado sobre essa temática, então a gente pede para o autor, via parecer, para considerar. Então assim, essa seria uma estratégia que está nas normas. Mas além delas, eu não me lembro.

C.M. – Qual sua opinião sobre a forma de avaliar da Capes.

F.A. – Então, olha só... A resposta a essa questão... Uma coisa que eu não falei antes. Na revista nós temos três editores e não necessariamente as minhas posições coincidem com as dos outros dois. Eu diria o seguinte, eu já mais ou menos dei a entender o que eu penso a esse respeito. O que eu acho que há critérios da avaliação que eu como editor, não vejo problema em se adequar, principalmente os critérios formais. Porque eles melhoram a comunicação. Eles padronizam, eles qualificam, então não vejo problema. Agora, isso por um lado. Quando a gente considera o “Qualis Capes” o “Qualis Periódicos” enfim, A1, A2, enfim. Essa é uma estratégia de avaliação que é super criticada por várias pessoas. Deixa pensar o que que eu vou responder, essa não é uma pergunta fácil. Eu diria assim, que algumas coisas eu estou disposto, como editor, a cumprir para chegar aos níveis mais elevados nesse ranking. Então nesse sentido eu não tenho problema com certo produtivismo, com um certo elogio da eficiência, enfim, que está presente nessas avaliações ou que são valorizadas, ou o profissionalismo que é exigido. Eu acho que é isso mesmo. Agora tem coisas que a gente precisa considerar a especificidade do campo que a revista está inserida. Tem elementos, eu vou dar um exemplo para expressar o que eu estou querendo dizer. Em termos políticos, embora seja super interessante fazer a nossa revista, uma revista para avançar nos níveis de avaliação da Capes, transformar nossa revista, numa revista que só publica em inglês, isso seria ótimo para a revista, fantástico, a gente pode fazer isso. Eu não sei se eu estou disposto a bancar esse tipo de situação. Por quê? É uma decisão política mesmo, por quê? Porque poderia dizer que 99,9 % dos professores brasileiros de educação física não leem em inglês. Então se eu for pensar nesse tipo de público eu não posso transformar a minha revista, a RBCE toda ela em uma revista em inglês... Mesmo que isso vá causar uma internacionalização da revista, mesmo que isso vá aumentar o fator de impacto ou índice H... É uma decisão política. Mas eu também não estou disposto a ficar na crítica barata do sistema Qualis Capes etc. Eu quero trabalhar para

qualificar a revista. Agora, algumas questões são políticas não acadêmicas ou científicas e eu acho que a discussão é mais complexa.

C.M. – Sobre o livre acesso e publicações científicas gratuitas, qual a sua opinião.

F.A. – Eu acho ótimo, isso democratiza. Acho que esse é o caminho mesmo, não tem mais volta. Não estou dizendo que o livro vai acabar, muito pelo contrário, até gosto, prefiro ler no papel, mas eu acho que essa é a tendência e a gente não pode fechar os olhos para ela, porque por princípio e tecnicamente pode ser mais democrática, uma vez que permite o acesso.

C.M. – E vocês costumam expor, divulgar aos leitores as estatísticas da revista?

F.A. – Sim. Não saberia dizer isso, a Ana responderia ou o Jaison, de quanto em quanto tempo o Renato nos envia... A própria plataforma possibilita isso. Então a gente faz isso.

C.M. – E agora sobre os pareceristas. Há alguma forma de reconhecimento ao trabalho dos pareceristas?

F.A. – Olha, uma forma além do contato via e-mail. Você pode fazer em termos de elogios, enfim. Identificar bons pareceres, elogiar bons pareceres é uma forma também publicar no final de cada volume os pareceristas que contribuíram com esse volume da revista. É um volume que tem quatro números então nesse volume essas cinquenta pessoas deram parecer. Essa é uma forma de estar reconhecendo o trabalho deles. Uma outra forma seria pagar, mas essa não é uma realidade que está colocada para a gente nesse momento. Então seriam estratégias desse tipo assim.

C.M. – A revista tem algum formulário ou modelo de parecer?

F.A. – Tem. Ao longo dos últimos cinco anos nós construímos pelo menos três formulários e chegamos ao formato que nós temos hoje. Não sei quantos itens que se solicita para que a pessoa observe e dá a possibilidade a ela de ir preenchendo o parecer no próprio sistema. São vinte perguntas, eu acho.

C.M. – Os pareceristas têm acesso ao resultado final do trabalho?

F.A. – Essa não é uma regra. Isso não acontece em 100% dos casos eu diria, por descuido nosso. Artigos, por exemplo, que tem a aceitação direta, muitas vezes não retorna para os pareceristas, já que está resolvido... Porque, como uma estratégia de não atrasar ainda mais o processo. Então a gente... já está aprovado não tem problema, já podemos tocar... Muitas vezes, o cara... e isso é até um equívoco, vai ficar sabendo que o artigo que ele deu parecer foi publicado só algum tempo depois.

C.M. – Há alguma estatística que indica os pareceristas são mais eficientes, mais assíduos, mais rápidos?

F.A. – Não, em termos de estatística não, mas a gente sabe. Eu sei que esse não é o ideal, mas a gente sabe... Há vários níveis... níveis não é a melhor expressão... de pareceristas. Aqueles que são super eficientes, que entregam muito rápido, de um dia para o outro, aqueles que ajudam questões difíceis, você vai enviar pra ele que ele vai dar um bom parecer, e aqueles que você insiste uma, duas ou três vezes e depois desiste, que não dá para contar. E não tem uma estatística.

C.M. – Como vocês escolhem os pareceristas?

F.A. – Primeiro tem que ser doutor, que é o básico. A gente... É que é assim, é difícil falar agora assim. A gente consulta desde o site do CNPq, o Currículo Lattes, melhor dizendo, das pessoas. Quando nós assumimos a RBCE já tinha um corpo de pareceristas, o que a gente faz é ir renovando isso por meio de convites. A gente faz os convites, nós mesmos, a inserção... o cadastro do cara na plataforma para ele não ter trabalho, então o que ele tem que fazer é entrar na revista... A gente comunica que fez o cadastro. Tem indicação daqui, dali, muitas pessoas escrevem pedindo para serem pareceristas. Se é doutora etc enfim, a gente avalia.

C.M. – Como vocês respondem aos autores sobre o momento que está o artigo? Vocês mandam e-mail...

F.A. – Como assim?

C.M. – Como é que o autor sabe... o autor chega a saber cada passo da submissão?

F.A. – Ele pode saber isso via plataforma SEER que informa, que dá essa informação a medida que a gente vai atualizando. Tudo que a gente faz que é registrado lá e muitas vezes o autor escreve, e quando ele escreve a gente responde. “Seu trabalho ainda está com os pareceristas”. Quando ele escreve o que a gente normalmente faz é cobrar do parecerista logo na sequência. Essa é uma estratégia. Mas a gente não escreve não, ele vai acompanhando.

C.M. – E quem escolhe esses pareceristas para cada artigo?

F.A. – Duas pessoas, as duas secretárias da revista. Lisandra Invernizzi escolhe os pareceristas ímpares e Ana Cristina Richter os pareceristas pares. Elas ficam em contato com os pareceristas. Nós, principalmente eu e Jaison com os autores.

C.M. – E vocês costumam designar um e depois o outro? Ou já designam dois?

F.A. – Vejamos, chegou um artigo passou por todo aquele processo, já está em condição de ir para os pareceristas, designamos dois de uma vez.

C.M. – É frequente a necessidade de pedir outro parecer, um terceiro?

F.A. – Com certeza. Muitas vezes acontece, normalmente por conta da má qualidade dos pareceres. Há pareceres de duas linhas, há pareceres ótimos, há pareceres horríveis. E a gente não tem nenhuma questão política, a gente não tem é coragem de devolver um parecer reprovando um artigo que é ruim.

C.M. – Os pareceres subsidiam a decisão dos editores?

F.A. – É o único critério. (Risos)

C.M. – E os editores levam somente o parecer em consideração ou outros critérios?

F.A. – Não, somente os pareceres. O que a gente faz é em caso de dúvida encaminhar para mais um parecerista. Então tem dois pareceres, às vezes até três. Você lê e fala “Tem problema, não dá, não se sustenta”. Às vezes você tem que ler o artigo. Vou mandar para uma pessoa que eu sei que vai resolver esse problema pra mim, que é competente nisso enfim, é bom parecerista.

C.M. – A procedência do artigo, a formação dos autores, instituição, isso costuma influenciar na avaliação?

F.A. – O critério tem que ser acadêmico. O que decide a aprovação é a qualidade, são os pareceres. O que a gente faz é avaliar a qualidade dos pareceres.

C.M. – Vocês passaram por um caso de detecção de plágio ou de alguma fraude?

F.A. – Sim, passamos.

C.M. – E como vocês resolveram isso?

F.A. – No caso da RBCE, se a minha memória não falha, iniciou uma conversa interna sobre a situação, porque esse é um problema seríssimo, questão que envolve tema de plágio, enfim, é uma questão bastante delicada. A gente conversa internamente, se houver necessidade leva para a direção nacional. Talvez em uma única ocasião isso tenha acontecido e se procura encaminhar a questão, de modo a não acusar x ou y, mas tentar entender o que está se passando. Tivemos um caso de plágio mesmo, que um artigo idêntico publicado na RBCE foi publicado em uma outra revista da educação física. Entramos em contato com a editora da outra revista, contamos o que estava acontecendo e pedimos uma explicação. Conversar na condição de editores, que o autor nos escreveu dizendo “Olha, identifiquei que um outro artigo meu...” Então a gente tenta levar na diplomacia. Já teve casos assim, esse é engraçado, desculpa. Mas nós tivemos uma vez, bem no início, cometemos um equívoco na hora de distribuir o artigo e solicitamos a

avaliação de um artigo para um parecerista que era autor do artigo, e ele deu o parecer pedindo reformulações, falando que o artigo era muito bom, etc... (Risos) Isso aconteceu também, e então eliminamos esse parecerista. Você o esquece, obrigado e tal.

C.M. – E há alguma alternativa para avaliação pelos pares ou vocês fazem, por exemplo, o convite e só passa pela mão dos editores quando da encomenda de artigos?

F.A. – Sim, às vezes a demanda é induzida. A gente tem, não tem sido feito com muita frequência, mas às vezes se faz. Principalmente quando é um tema importante, quando é alguém reconhecido, com competência em um determinado assunto.

C.M. – Tem alguma região do Brasil que envia mais artigos?

F.A. – Eu não saberia dizer qual é o primeiro. A produção no nordeste de fato ela é, por razões que nós sabemos, [TECHO INAUDÍVEL] que discute isso, ela é muito menor. Agora eu não saberia dizer, sul e sudeste são muito próximo. Em termos percentuais teria que recorrer à plataforma.

C.M. – E fora do país?

F.A. – Fora do país um grande parceiro, como eu já disse em função do Alexandre, a Argentina. A França tem mandado, sobretudo, graças a atuação da professora Carmen Soares, alguma coisas. Da Espanha tem vindo coisas, mas principalmente da Argentina em função das relações institucionais do editor da revista que vai dar aula no mestrado lá, tem muitos conhecidos...

C.M. – Alguma restrição para o comitê editorial ou para a equipe editorial publicar na revista?

F.A. – Tínhamos até então. Esse ano por uma razão óbvia, a questão da endogenia, enfim, tínhamos certo receio em publicar os nossos trabalhos na revista, mas decidimos internamente que é uma espécie de cota dos editores, cota essa que não caracteriza endogênia, isso é algo que já acontece em outras revistas, na própria Movimento acontece

e a gente vai adotar isso agora. Por uma razão óbvia, a própria sobrevivência dos editores. Eu sou editor de uma revista que eu não posso publicar nela. A área tem três revistas mais bem avaliadas: Motriz e Movimento e a RBCE. Eu não posso publicar numa delas, mas estou na pós-graduação então... Por isso que eu vivo mandando texto para a Movimento entendeu?

C.M. – (Risos) E há alguma norma ou limite para professores, alunos mandarem?

F.A. – A submissão... A demanda é livre. E agora com a importância de aumentar o número de publicações por ano, isso resolve o problema, o cara pode mandar vários trabalhos. Muitas revistas são publicadas, a gente vai distribuindo isso ao longo. Faz parte do jogo.

C.M. – Algo mais que queira acrescentar, comentar...

F.A. – Tenho. De uma informação sobre o DOI que eu não tenho certeza. Eu não sei se para obter o DOI você precisa estar indexado em X ou Y. Ou às vezes você tem que tomar outro procedimento, eu não sei agora, teria que verificar isso. Mas é isso, eu queria deixar registrado, o meu agradecimento a Ivone que é uma pessoa muito, que é parceira da nossa revista... O pessoal da Movimento de uma maneira geral é parceiro, sempre que a gente tem dúvidas, principalmente com indexação a gente consulta, então para mim é um prazer estar participando.

C.M. – MUITÍSSIMO obrigada!

[FINAL DO DEPOIMENTO]